

"JENEVA ROSE IS THE QUEEN OF TWISTS."

—COLLEEN HOOVER

You
Shouldn't
Have Come
Here



FROM THE USA TODAY BESTSELLING AUTHOR OF
THE PERFECT MARRIAGE

JENEVA ROSE

Índice

Dia Um

1. Graça
2. Calvin
3. Graça
4. Calvin

Dia dois

5. Graça
6. Calvin
7. Graça
8. Calvin
9. Graça

Dia três

10. Calvin
11. Graça
12. Calvin
13. Graça

Dia Quatro

14. Calvin
15. Graça
16. Calvin
17. Graça

Dia Cinco

18. Calvin
19. Graça
20. Calvin
21. Graça
22. Calvin
23. Graça

Dia Seis

24. Calvin
25. Graça

[26. Calvin](#)

[27. Graça](#)

[28. Calvin](#)

[29. Graça](#)

[30. Calvin](#)

[Dia Sete](#)

[31. Graça](#)

[32. Calvin](#)

[33. Graça](#)

[34. Calvin](#)

[35. Graça](#)

[Dia Oito](#)

[36. Calvin](#)

[37. Graça](#)

[38. Calvin](#)

[39. Graça](#)

[40. Calvin](#)

[41. Graça](#)

[Dia Nove](#)

[42. Calvin](#)

[43. Graça](#)

[44. Calvin](#)

[45. Graça](#)

[46. Calvin](#)

[47. Graça](#)

[Dia Dez](#)

[48. Calvin](#)

[49. Graça](#)

[50. Graça](#)

[51. Graça](#)

[52. Avery](#)

[Dia Onze](#)

[53. Avery](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

Assine nossa newsletter para receber recomendações de títulos, brindes e descontos exclusivos para assinantes.

[Cadastre-se aqui.](#)

ELOGIOS PARA *VOCÊ NÃO DEVERIA TER VIM AQUI*

"Tudo o que eu quero em um thriller. Sexy, chocante e tenso, com um final que eu nunca imaginei chegando. Jeneva Rose é a rainha das reviravoltas."

—**COLLEEN HOOVER**, autora do best-seller nº 1 *do New York Times*

Uma leitura viciante do início ao fim, com um final surpreendente, Rose consolidou seu lugar como autora obrigatória para fãs de thrillers nacionais.

Sensual, eletrizante e cheio de suspense.

—**JENNIFER HILLIER**, autora do best-seller do *USA Today*, *Things We Do in the Dark* e *Little Secrets*

O mais recente livro de Jeneva Rose é um thriller de gato e rato... Uma história imperdível, onde o suspense acelera a cada página virada. A reviravolta no final é brilhantemente inesperada... Um suspense sensual e chocante.

—**KAIRA ROUDA**, autora de best-sellers *do USA Today*

Um thriller psicológico sombrio e cheio de suspense, com uma premissa excelente e um uso magistral de reviravoltas. Raramente li um livro em que troquei de lado com os personagens com tanta frequência e ainda assim errei minha previsão. É uma leitura sinistra e perfeita, implorando por uma continuação.

—**JOHN MARRS**, autor do best-seller do *USA Today*, *The One*

"[Um] thriller intrigante... Uma corrente oculta sinistra percorre todo o livro e, embora o leitor seja a par dos pensamentos de cada narrador, há algumas minas terrestres enterradas ao longo do caminho até o final surpreendente. Rose deve conquistar novos fãs com este."

— **PUBLISHERS WEEKLY**

"Suspense em sua melhor forma: original, emocionante e uma reviravolta para a eternidade. Jeneva Rose é uma força a ser reconhecida, e *Você Não Deveria Ter Vindo Aqui* é o seu melhor livro até agora."

—**ALEX FINLAY**, autor de *The Night Shift*

A tensão aumenta à medida que o arrepio de pavor a cada página se transforma em um arrepio... Li *Você Não Deveria Ter Vim Aqui*, um suspense instigante em que os segredos de todos levam ao perigo, à morte e a um final que vai te deixar perplexo. Uma leitura hipnotizante!

—**SAMANTHA M. BAILEY**, *USA Today* e autora de best-sellers n° 1 de *Woman on the Edge* e *Watch Out for Her*

Um thriller sensual e cheio de reviravoltas, da primeira à última página. Nada é exatamente o que parece, ninguém conta toda a verdade, e você vai correr pelas páginas para ver como Rose tece seu mais novo thriller impossível de largar. Eu o devorei de uma só vez!

—**DANIELLE GIRARD**, autora do best-seller do *USA Today*, *Far Gone*

LIVROS DE JENEVA ROSE

Romances independentes

O Casamento ~~Perfeito~~

A Garota Que Eu Era

Um de nós está morto

Você não deveria ter vindo aqui

Os livros da detetive Kimberley King

Mulher Morta Cruzando

Último dia vivo

*You
Shouldn't
Have Come
Here*

JENEVA ROSE



Copyright © 2023 por Jeneva Rose E-book Publicado em 2023 pela Blackstone Publishing
Capa por Sarah Riedlinger

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de nenhuma maneira sem a permissão expressa por escrito da editora, exceto para o uso de breves citações em uma resenha.

Os personagens e eventos deste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é coincidência e não intencional da autora.

E-book comercial ISBN 979-8-212-18282-9
E-book de biblioteca ISBN 979-8-212-18281-2
Ficção / Suspense / Geral

Blackstone Publishing
31 Mistletoe Rd.
Ashland, OR 97520

www.BlackstonePublishing.com

*Para o papai,
desculpe, este não é um livro de zumbis.
Com amor, seu quarto filho favorito
(Bem, na verdade, eu posso estar em primeiro lugar com esta dedicatória. Me
avise.)*

Dia Um

1.

Graça

Eu não queria parar, mas quando a luz de combustível baixo acendeu no painel do meu carro, eu sabia que não tinha escolha. O Gunslinger 66 era o único posto de gasolina que eu tinha visto em 64 quilômetros, bem na saída da rodovia 26. Se não fosse pelo letreiro de neon que dizia Aberto — bem, na verdade, Aberto, porque a cada poucos segundos a letra *N* piscava — eu teria pensado que estava permanentemente fechado. O posto estava decadente, com janelas embaçadas e vigas de madeira mal sustentando a estrutura. O velho Mazda2 Hatchback engasgou quando parei ao lado de uma bomba. Soltei um suspiro de alívio e sacudi as mãos. Elas doíam de segurar o volante com tanta força. Eu mal tinha chegado lá, funcionando com fumaça e esperança pelos últimos quilômetros ou mais.

Fechei a porta atrás de mim, coloquei minha bolsa no ombro e a segurei firme. Não havia nada em ambas as direções, exceto a rodovia escura e sinuosa, os campos abertos e o sol que me virava as costas. Ao longe, eu podia ver as montanhas. Pareciam formigueiros, mas eu sabia que de perto seriam maiores do que os arranha-céus com os quais eu estava acostumado. Uma erva daninha flutuava na estrada. Sinceramente, se não fosse pelos filmes, eu não teria ideia do que era.

Um pequeno adesivo desgastado na bomba dizia "Somente dinheiro. Consulte o atendente". *Claro*. Resmunguei. Prendi o cabelo num rabo de cavalo baixo e atravessei o estacionamento de cascalho. Saltos altos não eram a melhor escolha, meus tornozelos balançando de um lado para o outro no terreno traiçoeiro. A porta rangeu quando a abri. Um ventilador zumbia no canto, espalhando o cheiro de carne seca e gasolina por todo o posto. A maioria das prateleiras não estava totalmente abastecida. Presumi que eles não recebessem entregas regulares por ali. Atrás do balcão estava um homem enorme, vestido com um macacão sujo. A pele do seu rosto era uma mistura de rugas profundas, poros cavernosos e cicatrizes grossas como um mapa

topográfico. Seu pescoço se esticou na minha direção, mas um de seus olhos não o acompanhou. Ele soltou um assobio baixo.

"Você não é daqui, querida." A voz do homem era grossa como mel, mas o jeito que ele me olhava não tinha nada de doce.

Levantei o queixo e dei alguns passos largos em sua direção. Meus calcanhares estalaram contra o chão de madeira.

"O que foi que me entregou?", perguntei, inclinando a cabeça.

Um olho dele me percorreu da cabeça aos pés, enquanto o outro estava fixo na porta da frente. Ele levou a mão à barba crespa e a passou pelas laterais do rosto até os poucos fios desgrenhados que se estendiam além do pomo-de-adão.

"Só a sua aparência já denunciava." Ele torceu os fios da barba.

"Ótimo", eu disse. "Preciso de sessenta em gasolina." Enfiei a mão na carteira, tirei três notas de vinte dólares e as deslizei sobre o balcão.

Ele ficou ali parado por um momento, me encarando como se estivesse tentando descobrir de onde uma mulher como eu viria.

"Chicago?" Ele pegou o dinheiro e apertou alguns botões em uma velha caixa registradora de metal.

"Nova Iorque."

A gaveta se abriu com um estalo.

"Você está longe de casa, senhorita."

"Estou bem ciente", eu disse, observando cada movimento seu.

Ele colocou o dinheiro lá dentro e bateu a gaveta. "Está tudo pronto."

Dei-lhe um pequeno aceno de cabeça e saí do posto de gasolina, tomando cuidado para ficar de olho nele até estar do lado de fora. Meu passo acelerou quando cheguei ao estacionamento de cascalho. Eu podia sentir seus olhos em mim enquanto eu empurrava o bico no tanque de gasolina. Os números clicavam lentamente no visor, muito lentamente. Coloquei um par de óculos de sol da minha bolsa e olhei para trás, para o posto de gasolina. Não levei mais de um segundo para avistá-lo. O rosto do homem estava pressionado contra a janela. Sua pele desgastada agora parecia carne de hambúrguer crua. Pegando meu celular, encontrei as palavras Sem serviço no canto superior direito. *Nós menos*.

O painel ao lado dos galões piscou para seis. Era como se o tempo tivesse parado. Ocupei-me estalando minhas longas unhas vermelhas contra o carro. *Toc. Toc. Toc. Rangido.* A porta do posto de gasolina se abriu. O homem inclinou-se um pouco para a esquerda, como se uma das pernas fosse mais comprida que a outra. Ele começou a vir em minha direção, com passos curtos e tortos. Sessenta dólares encheriam meu tanque, mas eu não precisava de um tanque cheio. Eu tinha cerca de duzentos quilômetros restantes. Eu só

precisava da metade. O homem não disse uma palavra enquanto atravessava o estacionamento. Eu também não disse nada. Gotas de suor se acumularam em sua testa e seguiram o caminho de suas rugas mais profundas. Sua língua gorda deslizou pelo lábio superior, lambendo o suor. Meus olhos saltavam dele para a bomba de gasolina. *Vamos. Vamos lá.*

Clique, clique, clique da bomba de gasolina.

Batida, batida, batida vinda do meu peito.

E então ouviu-se um novo som. Um tilintar. Vinha do seu bolso. Moedas farfalhando, batendo umas nas outras. Os músculos das minhas pernas e braços tremiam, preparando-se instintivamente para a ação.

Quando o número de galões chegou a sete, arranquei o bico do tanque e o joguei fora. A gasolina encharcou meus calcanhares e o chão abaixo de mim. Corri para a frente do carro e sentei no banco do motorista, batendo a porta atrás de mim.

O Mazda cuspiu cascalho enquanto eu pisava fundo no acelerador, mirando o carro nas montanhas. Pelo retrovisor, eu o vi tossir na minha poeira. Ele bateu a mão na perna e bateu o pé. Ele gritou alguma coisa, mas eu não conseguia entender o que ele estava dizendo, nem me importava. Alguns quilômetros adiante na rodovia, abaixei o vidro da janela e inalei o ar fresco. Inspirei quatro vezes pelo nariz. Segurei sete. Expirei pela boca oito vezes. O ar tinha um cheiro diferente, um gosto diferente. Provavelmente porque *era* diferente. Depois de três voltas, eu estava calmo novamente. Minha frequência cardíaca voltou ao normal e os músculos dos meus braços e pernas relaxaram — não mais em alerta e prontos para explodir em uma resposta de luta ou fuga.

A estrada à frente era como uma cobra preta serpenteando por campos planos até onde a vista alcançava. Tirei o salto encharcado de gasolina de um pé e o joguei no chão, embaixo do porta-luvas. Enquanto meu pé descalço pressionava o pedal do acelerador, rapidamente tirei o outro e o joguei de lado. Liguei o rádio na esperança de ouvir uma música pop, algo que elevasse meu humor. Era apenas estática. Cada estação era estática como a cobra preta serpenteante em cujas costas eu estivera deslizando, sibilando e me avisando que sabia que eu estava lá. Era estranhamente reconfortante. A viagem até o Gunslinger 66 tinha sido tranquila. Às vezes, parecia que eu era a única pessoa no mundo, raramente encontrando outro veículo. Havia algo de belo e assustador no isolamento. Fazia você se sentir importante e insignificante ao mesmo tempo.

Wyoming não era um estado em que eu já tivesse pensado, o que era uma pena agora que o via em toda a sua beleza. À medida que me aproximava do

meu destino, a paisagem começou a mudar. E quanto mais para oeste eu ia, mais drástica se tornava. Logo, os campos planos e monótonos se transformaram em colinas onduladas de grandes pinheiros, cores mutáveis de musgo e grama cortada por rios caudalosos; um mosaico de cores sobre uma tela ainda úmida, ainda em formação. As majestosas Montanhas Rochosas pairavam sobre a terra, lançando uma cobertura permanente sobre todos que se aproximavam. Búfalos e alces vagavam pelas planícies, um pedaço de terra que para sempre será e sempre foi deles, um dos poucos lugares que ainda era verdadeiro. Tudo era em uma escala tão grandiosa que era difícil assimilar o quão grande era. Era diferente de tudo que eu já tinha visto, um planeta diferente dentro do meu próprio país — seu próprio microuniverso — e eu estava feliz por tê-lo escolhido.

Já passava das sete, e o sol estava lançando seu último raio de luz do dia.

“Em mil pés, seu destino estará à direita”, anunciou Siri.

Cliquei em "Encerrar Rota" no GPS do carro, pois, logo depois da colina, já conseguia avistar o rancho. Aninhada na mata, bem às margens do Rio Wind, a propriedade parecia saída de um conto de fadas. O rancho era amplo e rústico, com uma varanda envolvente e grandes janelas salientes. Havia um galpão e um celeiro. Patos, galinhas, ovelhas, vacas e cavalos vagavam livremente por um pasto cercado com um grande lago no centro. A entrada de cascalho era longa, e eu a segui com calma.

Quando eu estava prestes a sair do carro, eu o avistei. Ele abriu a porta de tela da frente e colocou a mão logo acima dos olhos para protegê-los do pouco sol que ainda restava. Ele vestia calça jeans azul, botas de cowboy e uma camiseta branca, exatamente o que eu esperava. Atravessando a varanda com alguns passos largos, ele correu casualmente em minha direção. Ele era alto, pelo menos 1,80 m, bronzeado e tinha um corpo musculoso que claramente vinha do trabalho manual e não de uma academia como tantos dos cabeças-duras da cidade.

Antes de sair do carro, rapidamente calcei meus saltos. Eles cheiravam a gasolina, mas eu esperava que ele não percebesse ou perguntasse. Jogando minha bolsa por cima do ombro, fiquei de pé e empurrei meus óculos de sol para cima da minha cabeça. Conforme ele se aproximava, notei detalhes menores nele, como a cicatriz rosa acima da sobrancelha esquerda. Tinha uma plegada de comprimento, e a cor revelava que era nova. Todos nós tínhamos cicatrizes e cada uma tinha uma história. Eu me perguntava que história a dele contaria. Seus pelos faciais eram curtos e desgrenhados — não intencionalmente, mas mais como se ele não tivesse encontrado tempo para se barbear nos últimos dias. Seu maxilar era afilado e definido, e seus olhos eram

verdes como o pasto de onde as vacas e ovelhas pastavam. Fechei minha boca, pressionando meus lábios firmemente para garantir que não estivesse aberto como um cachorro salivando por um bom pedaço de carne.

"Você deve ser Grace Evans", disse ele, estendendo a mão para mim. Sua voz era grave e seu aperto de mão, firme.

"Sou eu. Prazer em conhecê-la." Minha voz saiu um pouco mais mansa do que o normal, não tão autoritária e autoritária como meus colegas estavam acostumados a ouvir no escritório. Meu aperto de mão estava um pouco mais fraco, vindo apenas da delicadeza do meu pulso, e não da força do meu braço inteiro. Eu estava flertando? Ou ainda estava abalada pelo frentista assustador do posto de gasolina? Não tinha certeza, mas instintivamente puxei minha mão de volta para perto de mim.

"Sou Calvin Wells, e o prazer é todo meu." Seu sorriso revelou dentes brancos perfeitamente alinhados e uma covinha apenas no lado direito.

"Como foi sua viagem?", perguntou Calvin, enfiando os polegares nas alças da calça jeans. Vários arranhões finos e longos marcavam a parte interna do seu antebraço direito.

"Foi bom até o Gunslinger 66." Soltei um suspiro enquanto o olhava de cima a baixo. Ele era como uma obra de arte, combinando com a paisagem ao seu redor. Implorava para ser examinado, observado de perto. Eu sabia que, então, ele seria uma distração.

A cicatriz rosa saltou quando Calvin levantou a sobrancelha.

"Um frentista velho e assustador de um posto de gasolina há algum tempo... meio que me perseguiu. Nem consegui terminar de encher o tanque por causa dele." Torci os lábios.

"Que merda. Me desculpe por isso. Você está bem?"

Concordei. "Sim, estou bem agora. Só me pegou de surpresa."

"Você não precisa se preocupar com nada disso aqui. Eu vou te manter segura, Grace", disse Calvin com um sorriso.

Dei uma risadinha e balancei a cabeça.

"O que é tão engraçado?" ele perguntou, sem deixar seu sorriso vacilar.

"Ah, nada. Acabei de perceber que estou parecendo uma donzela em perigo."

"Eu não pensei nisso", Calvin riu baixinho. "Mas deixe-me ajudá-lo com as malas e acomodá-lo." Ele caminhou em direção à traseira do veículo.

"Ah, você não precisa fazer isso." Eu realmente não gostava que as pessoas tocassem nas minhas coisas.

"Bobagem." Ele apertou o botão abaixo da placa, abrindo o porta-malas.

"É por causa de toda essa coisa da donzela?", provoquei.

— Não, Grace. Sou especialista em hospitalidade.

Tirando as duas malas do carro, jogou uma no ombro e carregou a outra. "Vou te tratar tão bem que você não vai querer ir embora. Esse é o meu lema", disse Calvin, sorrindo ainda mais.

"Siga-me", acrescentou ele com uma voz alegre enquanto caminhava pela entrada da garagem em direção ao rancho.

Olhei para o carro velho e surrado em que dirigi até ali e depois para ele, hesitando por um instante. Uma sensação de afundamento me atingiu no estômago, e por um instante me senti em queda livre . Passou rápido, antes mesmo que eu tivesse a chance de reagir, de refletir, de me perguntar o que era. Engoli em seco e me forcei a segui-lo. Um pé na frente do outro.

2.

Calvin

Coloquei as malas da Grace ao lado da cama queen-size. "Este é o seu quarto", eu disse, gesticulando com a mão.

Grace entrou atrás de mim carregando uma bolsa e a bolsa. Ela olhou ao redor do cômodo, o rosto inexpressivo, enquanto estudava cada canto e metro quadrado. Não consegui dizer se ela estava decepcionada ou não. Pensei em redecorar quando comecei a alugar quartos no Airbnb, mas não consegui. Minha mãe tinha organizado tudo, uma mistura de coisas que ela fez e coisas que encontrou. A última decoração foi nos anos 70, mas estava na moda novamente, ou pelo menos foi o que minha vizinha me disse.

Grace colocou suas coisas na cama e hesitou por um momento antes de se virar para mim. Seus olhos começaram na minha cintura e subiram para o meu rosto. Ela cheirava a uma mistura de margaridas e gasolina, o que era estranho, mas eu não disse nada. Isso seria rude. Seu cabelo era loiro-dourado e ia até o meio das costas. Seus olhos eram do azul mais azul que eu já tinha visto, tão azuis que quase não pareciam reais. Ela estava usando uma saia preta justa, saltos altos e uma blusa com algum tipo de tecido franzido. Tenho certeza de que de onde ela era, era moda, mas as garotas por aqui não usavam coisas assim. Seu rosto suave contrastava diretamente com seu traje todo preto, e eu não pude deixar de olhar para seus lábios carnudos, esperando que ela dissesse alguma coisa.

"É perfeito." Ela sorriu, mas percebi um toque de apreensão em sua voz.

Soltei um suspiro profundo e ela riu.

Grace ergueu uma sobrancelha. "Você ficou com medo de que eu não gostasse?"

"Bem." Mudei de posição, de uma perna para a outra. "Eu não costumo receber visitas femininas, e não tinha certeza se uma garota da cidade como você se sentiria confortável em um lugar como este."

"Se eu consigo encontrar conforto em Nova York, entre ratos e baratas, consigo em qualquer lugar." Grace jogou a mala na cama de uma só vez. Ela

certamente era forte, porque aquela coisa devia pesar pelo menos uns 22 quilos.

“Precisa de ajuda?”, ofereci.

Essa era a parte estranha de receber convidados. Eu nunca sabia se eles queriam que eu ficasse conversando ou os deixasse em paz. Eu tinha certeza de que Grace era a segunda opção, mas eu já estava atraído por ela como uma mariposa por uma chama ou aqueles malditos coiotes pelas minhas galinhas, então qualquer coisa que eu pudesse fazer para ganhar mais tempo com ela, eu faria.

Ela balançou a cabeça. "Não, eu cuido disso", disse Grace, com naturalidade. Pegou sua bolsa de couro preta, abaixou-se ao lado da cama e a enfiou embaixo dela.

"Coisas ultrasecretas?", brinquei, coçando a nuca.

Ela se levantou e olhou para mim, com as sobrancelhas franzidas. "Só trabalho para emergências. Se eu não esconder, vou acabar respondendo e-mails e atendendo ligações, e estou aqui para relaxar, não para trabalhar." Parecia que ela estava tentando se convencer disso mais do que a mim. Tínhamos mais em comum do que ela imaginava. Eu também precisava me manter ocupada. Mãos ociosas, como dizem, são a oficina do diabo.

“Posso trancá-lo no porão se você quiser.”

"Gostei da ideia, mas não será necessário." Grace abriu o zíper da mala grande e a abriu, revelando uma pilha de livros e uma bolsa perfeitamente organizada. Eu sabia que ela gostava de ler. Estava no perfil dela no Airbnb, e imaginei que ela passaria muito tempo ali com o nariz enfiado em um livro. Tudo estava guardado em cubos de embalagem individuais. Grace abriu um e despejou uma pilha de sutiãs rendados e calcinhas de seda sobre a colcha florida. Ela me olhou brevemente e depois voltou a atenção para sua tarefa. Interpretei isso como um sinal de que Grace queria ficar sozinha.

"Vou deixar você com isso." Tirei um chapéu imaginário e dei alguns passos para trás, em direção ao corredor.

Ela virou a cabeça bruscamente na minha direção e sua boca se abriu lentamente. "Na verdade, por que você não me mostra o lugar primeiro? Posso desfazer as malas depois."

"Eu adoraria. Vamos começar pela geladeira, porque uma cerveja me cairia bem agora." Dei uma risadinha.

Grace abriu um sorriso. "Igualmente", disse ela.

Não pensei que ela fosse uma garota de cerveja e também não consegui deixar de sorrir.

Antes de se aproximar de mim, Grace tirou os saltos e soltou um suspiro de alívio enquanto mexia os dedos dos pés. Suas unhas estavam pintadas de um vermelho-escarlate profundo, assim como as unhas das mãos.

Na cozinha, peguei duas Bud Lights da geladeira e abri as tampas contra a pesada bancada de madeira. Grace pegou uma de mim. A boca da garrafa descansou entre seus lábios carnudos, e ela emitiu um som refrescante ao terminar. Fiquei olhando, boquiaberta.

Grace segurou a garrafa na mão, girando-a algumas vezes como se estivesse lendo o rótulo. Tomei um longo gole. A cerveja borbulhou na minha língua e aqueceu minhas entranhas quase imediatamente.

“Aqui é a cozinha”, eu disse, gesticulando em direção ao cômodo.

“Eu já imaginava isso”, ela brincou.

Os cantos dos meus lábios se esticaram em direções opostas. Tentei esconder meu entusiasmo, mas meu corpo não ouvia meu cérebro. Tenho certeza de que minhas bochechas também estavam vermelhas.

Grace olhou ao redor da sala.

A cozinha combinava com os recursos disponíveis no entorno. Armários e balcões de madeira com a matéria-prima exposta faziam com que parecesse o interior de uma árvore. Como eu era a única ali, tudo na cozinha era voltado para a função, não para a forma. Nada de enfeites excessivos ou peças de destaque desnecessárias, como painéis de cobre penduradas em um suporte. Apenas uma cozinha simples de madeira com um porta-facas, cafeteira, pia e alguns eletrodomésticos. Achei perfeita, mas talvez seja só para mim.

“É simples, minimalista. Adorei”, elogiou Grace.

“Obrigada. Não combina muito com o resto da casa porque, bem...” Minha voz sumiu. Não era algo que eu gostasse de falar, e esperava que ela não perguntasse. Levei-a para a sala de estar.

“Isto foi decorado pela minha mãe. Então combina com o estilo do seu quarto.”

Exemplares antigos de revistas não lidas, de editoras há muito tempo fora de catálogo, estavam em uma banca de revistas. Livros afegãos estavam empilhados ao lado da lareira, e retratos aleatórios de velhos amigos e momentos do passado dela estavam pendurados nas paredes. Alguns deles eu nem saberia dizer quem ou o que eram, preferindo inventar a história eu mesma.

Grace caminhou até uma grande estante e passou os dedos pelas lombadas de vários livros.

“Você gosta de ler?” ela perguntou, olhando na minha direção.

“Sim, senhora”, eu disse com um aceno de cabeça.

“Eu também.” Ela sorriu.

Quase disse que sabia, mas me contive. Seus olhos se voltaram para as montarias empalhadas penduradas aleatoriamente pela sala de estar. Não havia rima ou razão para sua disposição. O toque do meu pai. A cabeça de um veado, um alce, um lobo, um carneiro-selvagem e um leão-da-montanha. Não importava onde você estivesse na sala, seus olhos negros de mármore o seguiam. Eu podia dizer que Grace não gostava deles. Ela franziu o rosto, observando atentamente cada animal. Talvez ela pensasse que um deles pudesse saltar da parede.

“Eles não mordem”, eu disse, rindo.

"Eu sei disso." Ela mordeu o lábio inferior. "É só um pouco in... comum."

"Por aqui, não. Mas você não é daqui." Olhei para ela, meu olhar deslizando dos seus pés para os seus olhos. O que uma garota como ela estava fazendo num lugar como aquele? "Quer que eu os derrube?", ofereci.

Grace parecia uma alienígena que acabara de pousar em um novo planeta. Ela balançou a cabeça. "Ah, não. Claro que não."

"Tem certeza que?"

"Sim."

"Você vai se acostumar", eu disse. Mas era verdade. A gente se acostuma com quase tudo.

Ela assentiu levemente, mas não disse mais nada.

Seguimos pelo corredor e indiquei o banheiro, o terceiro quarto e a porta do meu quarto. Mostrei a ela o armário de roupas de cama, onde ficavam as toalhas, os cobertores e os travesseiros extras. Ela ficou quieta, apenas observando e absorvendo tudo. Voltamos pelo corredor e ela parou.

“O que é isso?” ela disse, gesticulando para uma porta com um cadeado.

"Ah, isso vai até o porão. É proibido. Você não quer ir lá de qualquer jeito. Está inacabado, então é só um monte de aranhas, coisas velhas e um cheiro forte de mofo." Rapidamente a chamei com a mão: "Por aqui."

Quando não a ouvi se mexer, virei-me. Ela estava parada em frente à porta, olhando fixamente para ela. Eu soube então que ela queria ver o que havia do outro lado. Quando você dizia a alguém que ela não podia fazer algo, isso sempre a fazia querer fazer. A curiosidade sempre levava a melhor, por isso adicionei o cadeado. Grace deve ter sentido meus olhos nela, porque virou a cabeça em minha direção e deu um sorriso que pareceu estremecer.

"Vamos?", disse ela com a voz estridente. Achei a mudança de tom dela um pouco estranha, mas, pensando bem, eu estava apenas começando a conhecê-la — então tudo era estranho.

De volta à cozinha, abri a porta de correr de um grande deck de madeira que eu havia instalado no verão passado. Era uma agradável área de estar com vários sofás, cadeiras e mesas laterais. Duas churrasqueiras estavam lado a lado, perto do corrimão, uma a gás e outra a carvão.

"É lindo", ela disse, admirando a vista.

Era o cenário perfeito para o que Wyoming tinha a oferecer. Um pasto com ovelhas e vacas, o rio cortando os fundos formando o limite da propriedade, densos pinhais projetando-se logo além das margens do rio e as montanhas ao longe, elevando-se sobre todo o cenário. Era praticamente a única coisa que eu gostava de estar de volta ao Wyoming. Não há muito o que fazer. Não há muitas pessoas da minha idade. Mas é lindo. Tenho que admitir.

"É mesmo", eu disse, olhando para Grace. Ela me olhou de relance, sorriu novamente e bebeu o resto da cerveja de um só gole. Eu estava prestes a perguntar por que ela escolheu Dubois, Wyoming, mas ela falou primeiro.

"Vou terminar de desfazer as malas." Ela se virou e foi em direção à porta de correr.

"Me avise se precisar de ajuda."

"Já sou uma menina grande. Sei me cuidar." Sua voz era sedutora, ou pelo menos eu achava que era. Ela desapareceu lá dentro sem dizer mais nada. Senti minhas bochechas corarem. Havia algo em Grace, algo diferente. Mas eu não estava pronta para correr atrás de outra garota. Era cedo demais.

3.

Graça

Um conjunto de cabides de arame desconstruídos batia uns nos outros enquanto eu pendurava minhas roupas no armário. Alinhei uma série de sapatos no chão em frente à janela. Abrindo a gaveta de cima da cômoda, encontrei várias calcinhas femininas e um sutiã esportivo. Eram de boas marcas: Lululemon e SKIMS. *Estranho*. Levantei uma calcinha fio dental, tamanho pequeno. Um hóspede anterior devia ter deixado essas para trás, ou talvez Calvin tivesse uma namorada. Coloquei-as de volta na gaveta e fechei. O próximo estava vazio, então o enchi com minhas roupas íntimas, trajes de banho e shorts.

Levei minha pilha de livros para a mesa e os alinhei na ordem em que planejava lê-los. Sou um leitor rápido e esperava conseguir terminar todos os cinco antes que meu tempo acabasse.

Planejei começar com uma leitura leve de praia, rápida e fácil de devorar. Gostei dessas porque eram desprezíveis. Depois disso, queria algo triste, e esta certamente me faria chorar — ou pelo menos era o que dizia a sinopse na capa. Imaginei que também deveria ter algo com que pudesse aprender, então levei um livro de autoajuda sobre hábitos. Eu tinha vários hábitos ruins que sabia que precisava abandonar e muitos bons que deveria inculcar ainda mais. Hábitos garantiam que não se cometeriam erros. O romance de terror que levei prometia que eu ficaria assustado, mas eu seria o juiz disso. Foi preciso muita coisa para me assustar. Finalmente, um suspense. Este prometia um final cheio de reviravoltas que eu não esperava. Parecia que todo suspense prometia isso ultimamente, mas poucos realmente cumpriam.

Depois de desempacotar minha maquiagem, meus acessórios de cabelo e meus artigos de higiene, olhei pela janela saliente acima da cômoda comprida. Uma grande rachadura ia do canto inferior esquerdo até o centro. Tracei-a com o dedo. A borda do vidro quebrado cortou minha pele. *Ai*. Levei o ferimento à boca e o chupei. A dor se dissipou rapidamente. Uma mancha de sangue ficou para trás, estendendo-se por alguns centímetros pelo vidro, fazendo com que a

paisagem além dela parecesse rachada e tingida de vermelho. Isso me lembrou de como eu via a cidade. Eu tinha viajado tão longe para ver o mundo sob uma luz diferente, mas de alguma forma ele sempre parecia o mesmo. O sol se punha atrás das montanhas, deixando a escuridão para trás. Eu tinha me esquecido da escuridão. Você realmente não tem isso na cidade — muitas luzes.

Lembrando que havia prometido mandar uma mensagem quando chegasse, tirei o celular do bolso. No canto superior direito, estava escrito "Sem sinal". Senti uma pontada na boca do estômago e engoli em seco. Não era algo que eu estivesse acostumado a ver.

Encontrei Calvin no fogão da cozinha, cozinhando algo que não era exatamente agradável de cheirar — um aroma terroso, carnudo e doce. Ele mexia a panela com uma colher de pau enquanto bebia casualmente uma Bud Light.

"Ei", eu disse.

Calvin se virou rapidamente, assustado. Um sorriso surgiu em seu rosto quando me viu. "Feno é para cavalos."

Forcei um sorriso de volta. "Você tem um Band -Aid ?"

Ele pousou a colher sobre um papel -toalha dobrado . "Claro. O que aconteceu?"

Levantei o dedo e uma gota de sangue escorreu do corte. Não havia parado de sangrar. "Ferimento de batalha da sua janela rachada."

"Ah, droga. Desculpe por isso." Ele desapareceu pelo corredor e reapareceu momentos depois com um pequeno kit de primeiros socorros. "Eu queria consertar isso. Alguns dos meus hóspedes não são bons hóspedes."

Calvin puxou uma cadeira e gesticulou para que eu me sentasse. Sentou -se em um canto e desempacotou seu kit, tirando pomada, bolas de algodão, álcool isopropílico e um band-aid . Claramente, não era a primeira vez que ele cuidava de uma lesão.

"É uma pena a sua janela", eu disse.

"Não se preocupe. Eles pagaram por isso." Ele rasgou a ponta da embalagem com os dentes e tirou um pequeno lenço umedecido dobrado.

"Seus convidados costumam ser barulhentos?", perguntei, estendendo o dedo. Gotas de sangue escorriam do corte e pingavam na mesa da cozinha. Imediatamente, infiltraram-se na madeira sem acabamento, deixando uma mancha. Calvin pareceu não notar, ou então não se importou. Ele limpou o sangue e continuou cuidando do meu ferimento.

"Só os ruins", ele disse, olhando para mim por um breve momento.

Estremeci quando ele pressionou um algodão embebido em álcool isopropílico no ferimento. A ardência durou apenas alguns segundos.

"É desconfortável ter estranhos hospedados em sua casa?" perguntei.

Calvin fez uma pausa e seus olhos encontraram os meus. "Eles são apenas estranhos no começo", disse ele com uma cara séria antes de terminar com um Band-Aid enrolado confortavelmente em meu dedo.

"Aí está. Como novo." Ele esboçou um sorriso enquanto recolhia suas coisas.

"Obrigado."

Calvin retomou seu lugar no fogão, mexendo lentamente a panela.

"A propósito, tem umas roupas femininas na gaveta de cima da minha cômoda. Acabei de deixá-las lá. Achei que você deveria saber."

Ele congelou por um segundo. Parecia que seus ombros estavam tensos, mas eu não tinha certeza. Calvin se virou. "Essa deve ser minha ex, Lisa." Ele apertou os lábios e voltou a mexer a panela.

Mastiguei as palavras, sem saber o que dizer, mas então todas saíram em disparada. "Sabe, dizem que um ex deixa algo para trás de propósito depois de um término, só para ter um motivo para voltar?"

"Bem, espero que não seja esse o caso."

"Por quê?" perguntei.

"Porque ela está morta", disse ele.

Engoli em seco e comecei a tossir. Calvin rapidamente pegou um copo do armário e o encheu com água. Eu entendi por que ele disse isso de forma tão direta. Era isso que a morte era. Ou você está vivo ou está morto. Não há meio-termo. Ele me entregou o copo, e eu bebi quase tudo.

"Você está bem?", ele perguntou, dando-me um tapinha nas costas.

"É", pigarreei. "Só engoli errado."

Ele assentiu e voltou para o fogão.

"Sinto muito pelo seu ex."

Calvin desligou o fogo e tomou um gole de cerveja.

"Posso perguntar como ela morreu?" acrescentei.

"Acidente de carro... há cerca de um ano." Ele girou a garrafa nas mãos algumas vezes, como se estivesse decidindo se deveria ou não dizer mais alguma coisa. "Na verdade, tínhamos terminado na noite em que ela morreu, mas tenho certeza de que teríamos reatado. Sempre reatamos." Ele não estava olhando para mim quando falou. Estava encarando a parede branca como se houvesse algo importante para ele contemplar.

"Desculpe, Calvin." Eu não sabia o que mais dizer, pois não era bom com esse tipo de conversa. Eu já tinha encontrado a morte muitas vezes ao longo da

minha vida, mas vê-la e falar sobre ela eram duas coisas muito diferentes.

Seus olhos se voltaram para mim.

"A vida é assim, eu acho." Ele deu de ombros e balançou a cabeça como se seus pensamentos e sentimentos fossem um Etch A Sketch que ele pudesse simplesmente sacudir para longe. "Quer uma cerveja?"

O assunto foi mudado.

Eu assenti. Ele tirou uma da geladeira e abriu a tampa.

"Vocês não têm sinal aqui?" Levantei meu telefone enquanto ele me entregava a cerveja aberta.

"Não, senhora. Preciso ir à cidade para isso, mas tenho um telefone fixo caso precise fazer uma ligação." Calvin apontou para um telefone verde-claro pendurado na parede. Um longo fio enrolado conectava-se ao telefone e à base, praticamente se estendendo até o chão, como se tivesse sido puxado com muita força em algum momento.

"Ah, eu só queria mandar uma mensagem rápida para um amigo avisando que cheguei em segurança. E o Wi-Fi?"

"Sim. Mas o roteador precisa ser trocado." Ele se encostou no balcão e tomou outro gole.

A respiração ficou presa nas minhas vias aéreas enquanto eu tentava soltá-la, e quase engasguei. Tomei um gole rápido. Não havia nenhuma menção no anúncio sobre a falta de sinal de celular. Você pensaria que isso seria algo a se notar, mas talvez fosse a norma por aqui. A falta de Wi-Fi também era frustrante, mas, pensando bem, talvez eu estivesse apegado demais a estar apegado.

"Você está bem?", perguntou ele. Seus olhos estavam cheios de preocupação.

Eu assenti. "Sim."

Não era hora de reclamar do sinal do celular ou da internet. Eu tinha acabado de chegar e estava aqui para relaxar. Além disso, provavelmente era melhor que ninguém conseguisse me contatar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "You Shouldn't Have Come Here" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).